

**IV PROJETER 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO
Eixo: Proposição
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
octubre de 2009**

**TÍTULO
SUEÑOS DE PLAZA**

El conocimiento de los materiales intangibles del paisaje cultural del borde de Rosario para la reforma y caracterización de 15 plazas en el Distrito Sudoeste

Autora: Ana Valderrama

Arquitecta/

Jefa de Dto. de Coordinación Distrital – Dirección General de Ordenamiento Urbano - Secretaría
de Planeamiento - Municipalidad de Rosario/

Docente Proyecto Arquitectónico 1, 2 y 3 - Facultad de Arquitectura Planeamiento y Diseño de la
Universidad Nacional de Rosario/

e-mail: almandina_anita@hotmail.com

Colaboradora: Georgina Piano

Becaria Estudiante de la Facultad de Arquitectura Planeamiento y Diseño de la Universidad
Nacional de Rosario

Sonos de Plaza¹

O conhecimento dos materiais intangíveis da paisagem cultural da margem de Rosario para sua reforma e caracterização de 15 praças no Distrito Sudoeste

Eixo: Proposição

Palavras-chaves: crianças – praça - sonos

Em uma paisagem cultural o que conta não é só seu “objetividade” mas também o valor atribuído a sua configuração, o imaginário. Este valor é forzosamente cultural. As projeções com as que tornam se ricas, as analogias que se estabelecem sobre ele formam parte do mesmo. A paisagem cultural é uma acumulação de elementos visíveis múltiplos como invisíveis, aí a necessidade de corrói - a como se um texto o um quadro que os homens registrem na terra.

Entretanto, a pergunta aparece de quem têm na suas mãos o imaginário de uma paisagem, o que nos garante que nós compartilhamos imaginários.

Trabalhamos sobre na hipótese que a caixa de ressonância da poesia do mundo, dos imaginários, tem as crianças, em forma da memória inconsciente e celular.

A hipótese que incentiva o trabalho é que as crianças, até os 11 anos são indicadores ambientais de uma paisagem.

As crianças são, como as borboletas, os seres mais fracos do sistema, mas tornam-se conscientes do ser na integridade. As crianças, relacionam coisas que a gente já perdeu a capacidade se relacionar, e têm uma maneira de estar no mundo poético o tempo todo. Aprender desta forma de estar no mundo das crianças é o melhor exercício para pensar, no projeto e a gestão dos espaços públicos, outros planos que não se limitem ao dos usos e da necessidade.

Trabalhar, então, com os imaginários, supõe um salto qualitativo que transcende o tipo de desenho participativo habitual, que opera unicamente sobre a necessidade, na historia e na consulta para passar para um campo muito mais primitivo e profundo que tem que ver com um compromisso corporal, sensível e creativo que vai do inconsciente à consciente e da parte para o todo.

Sonos da praça apontam incluir e sistematizar uma metodologia para a participação popular no processo de desenho. Sendo os seres mais fracos do sistema, as crianças tem a capacidade de capturar, interpretar as dimensões reais e imaginárias do territorio e propoer novamente o desenho do espaço público de maneira de estar no mundo mais inclusivo e lúdico que o que têm a tira etaria normalmente consultada.

Sonhos da Praça se propoe abrir um espaço interinstitucional com as crianzas onde não só se garante o directo a ser escutados e participar ativamente na vida democrática, mas também ao direito da intervenção na transformação física da cidade.

Não se trata só de criar uma cidade na medida das crianças, mais de criar uma cidade desde o modo de estar no mundo de um menino e com eles, transformando a cidade para todos.

¹ O projeto chamado “Sonhos da praça” tem sua origem no espaço do orçamento participativo 2007 da cidade de Rosasrio, votado pelos conselheiros adultos, representantes dos diferentes bairros do distrito sudoeste, destinando um orçamento para tal alvo.

Todo o material producido pelas crianzas estão a disposição dos conselheiros adultos para ter como base das demandas para os funcionarios municipais.

O Conselho das Crianças do Distrito Sudoeste participaram ativamente das jornadas, junto com as crianças delegadas das escolas, com o objetivo de fazer o seguimento dos projetos e dos trabalhos das praças.

Dreams of Squares²

The knowledge of cultural landscape's intangible materials of the slum border of Rosario for the rebuild and qualification of 15 squares in south western District.

Axis: Proposal

Key words: children – square - dreams

In a cultural landscape, its objectivity is not the only important issue, but also the value vested in its imaginary is. That value is perforce cultural. The projections with which it took richness and the analogies that are established on it are a part of it. The cultural landscape is an accumulation of multiple elements both visible and invisible; therefore it becomes necessary to abrade it as a text or a picture that the humans have written over the Earth.

Then, the questions of who have the landscape's imaginary in his hands and what guarantees that we share imaginary appear.

Our work is based on the hypothesis that children are the ones who own the resonance box of world poetry, the imaginary's resonance in the shape of unconscious and cellular memory.

The hypotheses that encourage this work is that children, until 11 years of age, are environmental indicators of landscape.

Children, like butterflies, are the weakest of the system, but they have the being's conscious in its entire integrity. Also, children relate things while adults have lost this capacity to relate, and children have a poetical way to live in the world, all the time.

Learning from the way children to in the world is a good exercise to think about in the projects and in the measurement of the public spaces, other layers that go beyond the "topsoil" of mere functions and needs.

Then, the work with imaginary presupposes a qualitative leap that goes beyond conventional participating design's stereotype, which only steps with the needs, the history and the oral questions to move onto a more primitive and deeper field that has to do with a bodily, sensitive and creative engagement that goes from the unconscious to the conscious and from the part to the whole.

"Dreams of square" aims at including and systematizing a methodology for the popular participation in the design process. Being the weakest of the system, children have the ability to capture and read the real and imaginary dimensions of the territory and to reformulate the public space's design from a more inclusive and playful way to live in the world than the age rank usually used for consultation.

"Dreams of square" brings forward itself to open an institutional space with children that guarantees not only the right to be listened and actively participate in democratic life, but also the right of an incision in the city's physical transformation.

This doesn't mean creating a city with children's measurement, but creating a city from the child's way to live in the world and with the children turning their city for anybody.

This doesn't mean creating a city for children, but creating a city from the child's perspective and through this perspective, let children live in such a way that will transform the city into a place for all.

² The project called "Dreams of square" has its origin in the 2007 Participative Budget of the Rosario City, voted by adult advisors who represented neighbourhoods of south western District.

All the material produced by the children was submitted to adult counselors and through them, to municipal functionaries.

The Children's Council of Southwestern District worked jointly and energetically during workdays with delegates of schools to carry out the supervision of the projects and of the construction of the squares.

SUEÑOS DE PLAZA³

El conocimiento de los materiales intangibles del paisaje cultural del borde de Rosario para la reforma y caracterización de 15 plazas en el Distrito Sudoeste

Eje: Proposición

Palabras-clave: niños – plaza - sueños

En un paisaje cultural lo que cuenta no es solo su “objetividad” sino también el valor atribuido a su configuración, el imaginario. Este valor es forzosamente cultural. Las proyecciones con que se enriquece, las analogías que se establecen sobre él forman parte de éste. El paisaje cultural es una acumulación de múltiples elementos tanto visibles como invisibles, de ahí la necesidad de correrlo como si fuera un texto o un cuadro que los hombres han inscrito sobre la tierra.

Ahora bien, se presenta la pregunta de quién tiene en sus manos el imaginario de un paisaje, qué nos garantiza que compartimos imaginarios.

Trabajamos sobre la hipótesis de que la caja de resonancia de la poesía del mundo, de los imaginarios, la tienen los niños, en forma de memoria inconsciente y celular.

La hipótesis que alienta este trabajo es que los niños, hasta los 11 años son indicadores ambientales de un paisaje.

Los niños son, como las mariposas, los seres más débiles del sistema, pero tienen la consciencia del ser en toda su integralidad. Los niños, además relacionan cosas que los grandes ya perdimos la capacidad de relacionar, y tienen un modo de estar en el mundo todo el tiempo poético. Aprender de esta forma de estar en el mundo de un niño es un buen ejercicio para pensar, en el proyecto y la gestión de los espacios públicos, otros planos que no se limiten al de los usos y la necesidad.

Trabajar, entonces, con los imaginarios, supone un salto cualitativo que trasciende el tipo de diseño participativo habitual, que interviene únicamente sobre la necesidad, la historia y la consulta para pasar a un campo mucho más primitivo y profundo que tiene que ver con un compromiso corporal, sensitivo y creativo que va de lo inconsciente a lo consciente y de la parte al todo.

Sueños de plaza apunta a incluir y sistematizar una metodología para la participación popular en el proceso de diseño. Siendo los seres más débiles del sistema, los niños tienen la capacidad de capturar, interpretar las dimensiones reales e imaginarias de un territorio y replantear el diseño del espacio público desde el modo de estar en el mundo mucho más inclusivo y lúdico que el que tiene la franja etaria normalmente consultada.

Sueños de Plaza se propone abrir un espacio interinstitucional con los niños donde se les garantice no solo el derecho a ser escuchados y a participar activamente en la vida democrática, sino también el derecho a intervenir en la transformación física de la ciudad.

No se trata de crear una ciudad a la medida de los niños, sino de crear una ciudad desde el modo de estar en el mundo de un niño y con los niños, transformando la ciudad para todos.

³ El proyecto denominado “Sueños de plaza” tiene su origen en el ámbito del presupuesto participativo 2007 de la ciudad de Rosario, votado por consejeros adultos, representantes de los distintos barrios del distrito sudoeste, destinando un presupuesto a tal fin.

Todo el material producido por los niños se puso a disposición de los consejeros adultos para tomarlo como base de las demandas hacia los funcionarios municipales.

El Consejo de Niños del Distrito Sudoeste participaron activamente de las jornadas, juntamente con los niños delegados de las escuelas, con el objetivo de realizar el seguimiento de los proyectos y las obras de las plazas.

SUEÑOS DE PLAZA

El conocimiento de los materiales intangibles del paisaje cultural del borde de Rosario para la reforma y caracterización de 15 plazas en el Distrito Sudoeste

Eje: Proposición

Palabras-clave: niños – plaza - sueños

1



1. Introducción

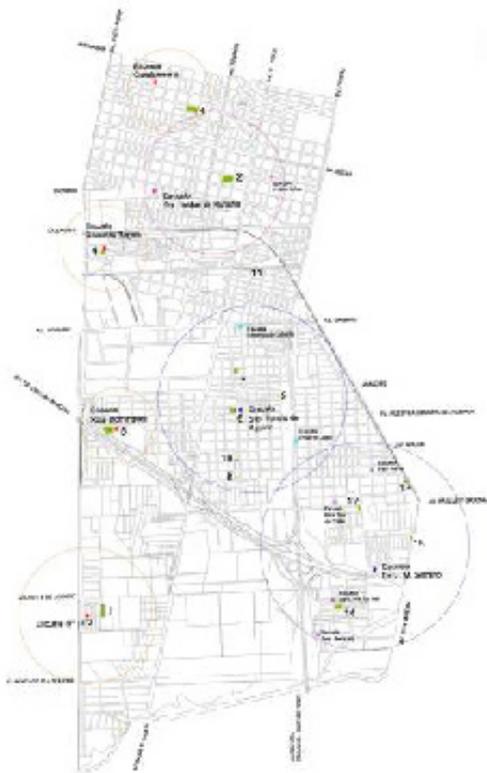
En un paisaje cultural lo que cuenta no es solo su “objetividad” sino también el valor atribuido a su configuración, el imaginario. Este valor es forzosamente cultural.⁴ Las proyecciones con que se enriquece, las analogías que se establecen sobre él forman parte de éste. El paisaje cultural es una acumulación de múltiples elementos tanto visibles como invisibles, de ahí la necesidad de correrlo como si fuera un texto o un cuadro que los hombres han inscrito sobre la tierra.

Trabajamos sobre la convicción de que proyecto que tenga la ambición de trabajar con una mirada comprensiva de la cultura de un territorio deberá incluir en todas las etapas del proyecto y su construcción, las identidades culturales, el patrimonio natural, la participación popular e interdisciplinaria y, por lo tanto, la representatividad de las creencias, mitos, recuerdos, deseos y necesidades de los habitantes de los barrios, en definitiva, todo lo que fue, es, será, cree que es y desea ser un territorio.

Trabajamos repensando al espacio público como un dispositivo de inclusión capaz de cambiar sembrar una semilla de convivencia, como manifestación de la libertad, del encuentro, de la felicidad, como lugar representativo de la cultura, dando lugar a sus manifestaciones, tanto físicas como mentales, tanto objetivas como imaginarias. Re-crearlo para que pueda contener la plenitud del encuentro, donde el encuentro se vuelva presente.

Trabajamos entonces, fundamentalmente con los imaginarios, y esto supone un salto cualitativo que

⁴ ... ”El topos por sí sólo no es capaz de constituir el proyecto arquitectónico. La ocupación del lugar, por ejemplo, está mucho más relacionada con los procesos culturales en la memoria del sujeto que lo ocupa, que con el lugar físico en sí mismo. No es posible construir un proyecto con la sólo memoria del lugar (topografía, clima, pluviométrial) y sin un sujeto existente. Actualmente, puede haber territorios ocupados por personas que no pertenecen a el o que son nuevos, para quienes es más importante la carga histórica que viaja con ellos y que no los abandonará por décadas”



01	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
02	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
03	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
04	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
05	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
06	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
07	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
08	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
09	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
10	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
11	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
12	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
13	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
14	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol
15	en España y Barón y Ochofías plaza del reloj de mol

trasciende el tipo de diseño participativo habitual, que trabaja sobre la necesidad, y la consulta para pasar a un campo mucho más primitivo y profundo que tiene que ver con el deseo y el compromiso corporal, sensitivo y creativo con el lugar.

2. Hipótesis de trabajo

2.1. Sobre el protagonismo de los niños en el proceso de diseño

Sueños de plaza apunta a incluir y sistematizar una metodología para la participación popular en el proceso de diseño. Esto quiere decir, por un lado, dar vuelta el proceso de diseño que va de lo general a lo particular, que siempre implica una prefiguración anterior al conocimiento del lugar, y de sus matices⁵ y por otro, hacer del proceso de participación un acto de compromiso físico en el que se pueda extraer del otro su deseo, perforando las palabras.

Se trabajó sobre la hipótesis fundamental de que los niños son los indicadores ambientales de un territorio. Siendo los seres más débiles del sistema, los niños tienen la capacidad de capturar, interpretar las dimensiones reales e imaginarias de un territorio y replantear el diseño del espacio público desde el modo de estar en el mundo sensible, inclusivo y lúdico.

El hecho de que se incorporen los niños y las niñas en el proceso de diseño tiene sus antecedentes en las experiencias del pedagogo italiano Francesco Tonucci, con su proyecto La Ciudad de los Niños, que constituye una red mundial de ciudades. A partir del año 1996, inspirado en las experiencias del pedagogo italiano Francesco Tognuchi, el proyecto “La Ciudad de los Niños” crece en nuestra ciudad con la creación de Consejos de Niños uno por cada distrito, donde los consejeros discuten y proponen ideas para su ciudad que luego se elevan a las distintas Secretarías para ser elaborados por los técnicos de las distintas disciplinas.

Sueños de Plaza se propone abrir un espacio interinstitucional con los niños donde se les garantice no solo el derecho a ser escuchados y a participar activamente en la vida democrática, sino también el derecho a intervenir en la transformación física de la ciudad. Con este proyecto se intenta además propiciar la influencia social de los niños como grupo de opinión y valorar su capacidad creativa para profundizar los cambios en la sociedad.

Sueños de Plaza intenta superar la instancia discursiva de los Consejos de Niños, con la ilusión de que los niños puedan intervenir activamente en el diseño y mejoramiento de la ciudad que habitan y recorren a diario.

No se trata de crear una ciudad a la medida de los niños, sino de crear una ciudad desde el modo de estar en el mundo de un niño y con los niños, transformando la ciudad para todos.

2.2. El imaginario del lugar

La dimensión imaginaria de un territorio puede encontrarse en el inconsciente de los niños

Los niños, hasta los 11 años son indicadores ambientales del imaginario de un lugar. Los niños, como las mariposas son los seres más débiles de un ecosistema. Si los biólogos dicen que las mariposas son indicadores

⁵ La adopción incondicional de las metodologías de diseño aportadas por la cultura europea de pos guerra, sumadas a la adhesión a las ideologías y estéticas colonizadoras que aún siguen vigentes han hecho que olvidáramos la capacidad de discernir los matices de las cosas como lo hacía nuestra cultura latinoamericana primitiva. (capas de cielo, tipos de arco iris, estilos de canto en un solo pájaro, variedades de maíz, etc)

ambientales de un ecosistema, para medir la contaminación, podríamos decir que los niños son indicadores ambientales de un territorio.

“El niño es indicador ambiental, sobre todo, porque el niño tiene una manera pre-lógica de estar en el mundo. Esto quiere decir, que el niño, todavía, por un tiempo y, sin ninguna mistificación, tiene los cinco campos que dicen los grandes experimentadores de los lenguajes: el de las sensaciones, el de las percepciones, el de los afectos, el de las imágenes y el de los conceptos o ideas o categorías, todos en flor, a la vez y con-fundidos, fundidos-con” (GONZALEZ: 2006)

Esto quiere decir, que un niño, una niña, indica en su cuerpo, en su conducta, en sus sueños, en su mirada, en sus creaciones cosas que están solapadas, cosas que la gente imagina, siente, desea y cosas que suceden en el medio ambiente que los grandes ya no somos capaces de ver y relacionar.

Por lo tanto la caja de resonancia de la poesía del mundo, de los imaginarios, la tienen los niños, en su cuerpo, en su alma, en forma de memoria celular y que ésta es la dimensión más sublime de un territorio.

Por que? Porque los niños, hasta los 11 años tienen todos los sentidos fundidos, tienen la sabiduría de la intuición, en los niños no hay división entre el cuerpo y la mente. Los niños, a demás relacionan cosas que los grandes ya perdimos la capacidad de relacionar, y tienen un modo de estar en el mundo todo el tiempo poético.

2.3. La memoria del lugar.

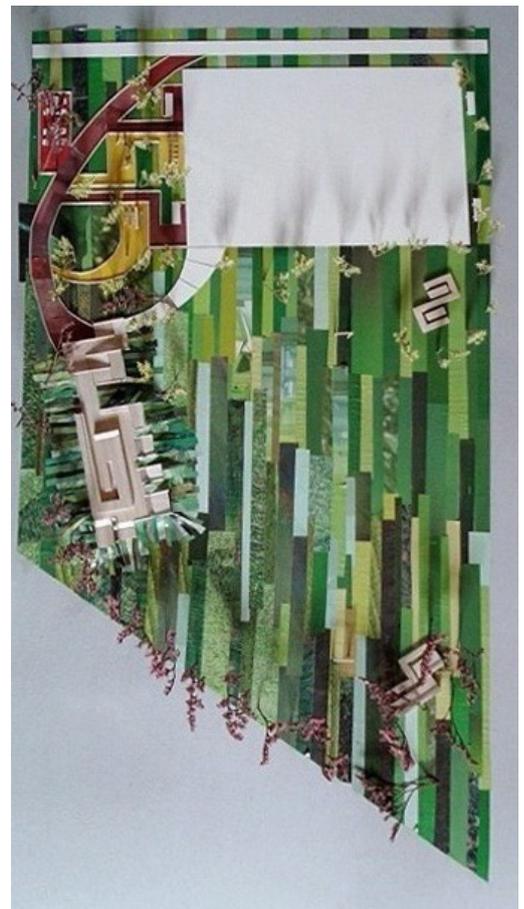
La dimensión real de un territorio puede encontrarse en una pequeña partícula.

La información genética de la dimensión real de un territorio puede encontrarse en los objetos y cosas que se encuentran en un lugar específico. Nos atrevimos pensar entonces que podríamos hablar de la plaza a través de los objetos encontrados en el sitio, objetos mágicos, como instrumentos musicales donde resonara la información genética del lugar.

Para encontrar esos otros significados, invertimos el orden habitual de las cosas que va del todo a la parte, de lo general a lo particular. Es decir, que el pensamiento de una piedrita encontrada, o de una flor o de una hormiga o de una parte de un objeto o de un olor, o de un sonido, o de un color se hace grande, muy grande y el pensamiento de la plaza se hace pequeño, muy pequeño y tan pequeño que ni lo nombramos.

“dame un objeto y te daré una escena, dame un muñeco, una parte de un cuerpo, dame una mano, dame un pie, nunca me des el todo, dame una piedrita, un pedazo del rompecabezas, dame una columna, dame una silla y te daré un mundo” (GONZALEZ: 2006).

Entonces lanzamos este objeto mágico del lugar, a modo de “la



piedra en el estanque” de Bachelard, para que provoque, imante, todos aquellos aspectos y cosas que hacen a la vida en la plaza. Aspectos y cosas que estaban cada uno por su lado en su paz o en su sueño, son ahora llamados a la vida y obligados a entrar en relación entre sí.

Trabajamos entonces en capturar todos los significados posibles de la palabra plaza, sumados y todos a la vez, pensando que es en ella donde resuenan todos los mundos, que hacen al espacio del compartir, del jugar, del aparecer ante el mundo. Como decía Borges *“todo el Nilo en la palabra nilo”*.

3. Objetivos

El objetivo fundamental se centró en quebrar los mecanismos de proyecto actuales donde la idea de autor aparece por sobre el territorio, donde el arquetipo de la plaza aparece antes que el pensamiento del espacio de compartir, donde la estética aparece antes que la demanda y donde los espacios públicos, finalmente, no responden a las condiciones naturales y culturales de los territorios donde se aplican.

Para ello decidimos capturar con los niños las dimensiones de la memoria y del imaginario del lugar y aprehender, desde lo poético cómo se hace el proyecto de un espacio público desde el modo de estar en el mundo de un niño.

Utilizamos entonces una metodología que nos permita construir un guión como materia prima para el desarrollo de los proyectos. Esta materia prima hacía pié en los tres materiales fundamentales que constituyen el “antes” del proyecto de la plaza. Ellos son: la palabra poética como refundadora del alma del lugar, los movimientos de los cuerpos como determinantes del espacio del compartir, los colores y las formas como constructores de la imagen del lugar.

Luego con el alma, el espacio y la imagen recién estuvimos en condiciones de empezar a trazar las líneas para construir los proyectos de las plazas.

Las actividades se realizaron con niños de 6 a 11 años, alumnos de las escuelas cercanas a las plazas con la supervisión del Consejo de Niños del Distrito Sudoeste y los Niños Proyectistas.

4. Metodología

Siendo la hipótesis fundamental de este trabajo que la caja de resonancia de la poesía del mundo, de los imaginarios, la tienen los niños, en su cuerpo, en su alma, en forma de memoria celular, inconsciente y que ésta es la dimensión más sublime del modo de estar en el mundo de un niño, debíamos trabajar sin la intromisión de los estereotipos de los grandes.

Trabajamos entonces en capturar los imaginarios del territorio, que llevan los niños en forma inconsciente, en producciones artísticas con el cuerpo, las manos y la palabra, evitando intromisiones de la consciencia. Esto se hizo reinterpretando técnicas del surrealismo, tales como la asociación libre, el azar, el automatismo, el ensamblaje, el cadáver exquisito.

Utilizamos una metodología que nos permita darle materia al deseo de plaza no a la plaza, esto se hace sin nombrar la plaza. Y por qué no nombramos la palabra plaza? Para evitar volver a su imagen arquetípica preestablecida y descongelarla. Entonces, construimos un nuevo concepto de plaza dando vuelta las cosas como en el mundo del revés y pensamos desde el fragmento al todo, desde el imaginario hacia lo real y desde el inconsciente hacia lo consciente.

4.1. La memoria del lugar

Cada uno de los niños presentó ante el grupo un objeto, natural o artificial, encontrado, elegido, o imaginado cuidadosamente de la plaza. La presentación del objeto consistía en traerlo a la vida como resonante del lugar e imaginar (escuchar) la preexistencia y la inmanencia del objeto en el lugar y que en ese juego de relaciones, de tiempos y de invenciones, sean llamados a la vida colores, palabras, sabores, sonidos y movimientos de los cuerpos.

4.2. El imaginario del lugar

a. Palabras en detenimiento

El objetivo era trabajar sobre los materiales físicos que constituyen los espacios del encuentro, las formas de la mente y del cuerpo y los colores. Acompañados de un arquitecto, los niños y niñas hicieron un dibujo con

los ojos cerrados sobre un papel, donde se superponían todos los dibujos de todos los niños, entendiendo que el espacio debe ser un proyecto colectivo.

Luego, mientras los niños de palabras en movimiento realizaban la puesta en escena, los niños de palabras en detenimiento, con los ojos bien abiertos capturaron los movimientos de los cuerpos de sus compañeros.

Palabras en detenimiento tiene que ver con dar forma a lo que no tiene forma. Es traer al mundo, darle vida a algo que aparentemente no está. Algo entre lo real y lo imaginario, entre lo presente y lo inmanente, entre lo aparente y lo evidente. Y, en este caso, de darle forma a través del dibujo. ¿Por qué el dibujo tiene que ver con palabras en detenimiento? Tiene que ver porque el dibujo es un instante, como una foto, donde el que dibuja establece una conexión con aquello que está por cobrar vida. Es un instante que parece durar una vida. Y es una foto, pero esto no quiere decir que lo que aparece esté realmente quieto. Lo que aparece tiene una preexistencia y una inmanencia, tiene una dirección, un origen y un destino, el que lo pone de manifiesto a través de la técnica del dibujo es sólo un intermediario.

b. Palabras entremezcladas

Palabras entremezcladas tiene como objetivo la refundación poético-afectiva de los espacios del encuentro. Para ello los niños, acompañados de un poeta construyeron una poesía, reservorio de la resonancia del lugar, en tanto territorio físico e imaginario.

Palabras entremezcladas apunta a trabajar con los niños y la palabra.

Jugando la buscamos, provocándola, haciéndole cosquillas a la palabra que se deja. Descubriéndola. Adaptándola a la edad y a lo que cada uno quiere expresar.

Se trabajó utilizando diversas estrategias como binomios fantásticos, una piedra en el estanque, rompecabezas de palabras y registro de historias contadas.

No buscamos una creación perfecta. Le escapamos. Buscamos generar nuevas preguntas y nuevos debates y dejar siempre la posibilidad de la grieta que a través de su existencia abre nuevos caminos. Buscamos una palabra que tenga que ver con lo que los chicos sienten, piensan y quieren.

Y a través de la poesía se la mostramos.

“Yo espero que estas páginas puedan ser igualmente útiles a quien cree en la necesidad de que la imaginación ocupe un lugar en la educación; a quien tiene confianza en la creatividad infantil; a quien conoce el valor de liberación que puede tener la palabra”. “El uso total de la palabra para todos me parece un buen lema, de bello sentido democrático. No para que todos sean artistas, sino para que ninguno sea esclavo”

c. Palabras en movimiento

La ciudad no es sólo sus calles, sus casas, sus monumentos, sino también los recorridos que hacemos todos los días, con sus velocidades y sus pausas, los lugares de encuentro, los movimientos de nuestros cuerpos, el habitar de nuestros cuerpos, las marcas que dejamos con nuestro cuerpo.

Palabras en movimiento tiene que ver con hacer pasar por el cuerpo las formas del imaginario. Esto quiere decir dejarse traspasar por los sonidos, los colores, los aromas, las palabras y manifestarlos con el cuerpo; dejarse traspasar por los movimientos que dibujan los cuerpos al realizar una acción en el espacio.

Palabras en movimiento tiene que ver con incluir los movimientos de los cuerpos en la manifestación del acto de compartir, de apropiarse de un espacio, del aparecer ante el mundo.

5. Proyecto

Se elaborará un anteproyecto y luego proyecto ejecutivo abarcando, como parte constitutiva e inseparable del momento proyectual, las aproximaciones conceptuales elaboradas a partir de la interpretación de los materiales relevados del territorio y del guión elaborado con los niños de los barrios

Para la construcción del guión se realizó la interpretación y sistematización de la información elaborada con los niños a partir de aproximaciones conceptuales del territorio en dos instancias: colecciones y mapas

a. Las “colecciones”, conjuntos ordenados por común de una misma clase, e intencionados del conjunto

de conocimientos generado por registros del relevamiento físico-fenomenológico⁶ elaborado por el equipo técnico de adultos y de los materiales aportados en el trabajo conjunto con los niños en el conocimiento de la dimensión real e imaginaria del territorio, que pudieran constituirse en conjuntos de conceptos constitutivos de herramientas aplicables a estrategias operacionales.

b. Los “mapas”, representaciones gráficas y conceptuales de los “materiales” (culturales y naturales) capturados en las plazas y su estructura, las producciones realizadas en colaboración con los niños⁷, que permitieran, por superposición, tanto el conocimiento de los fenómenos generales del territorio, como el de los lugares particulares que contengan singulares aspectos.

De los mapas y colecciones se armó un guión con los fundamentos para la elaboración de los anteproyectos. Luego los técnicos municipales, dependientes del Área de Desarrollo Urbano del Distrito Sudoeste de la Secretaría de Planeamiento y un equipo de las secretarías de Cultura y Obras Públicas elaboraron los proyectos ejecutivos para la plaza con la supervisión del Consejo de Niños del Distrito Sudoeste.

6. Sobre la verificación del proyecto y la colaboración entre adultos y niños.

Todo el material producido por los niños se puso a disposición de los consejeros adultos para tomarlo como base de las demandas hacia los funcionarios municipales.

El Consejo de Niños del Distrito Sudoeste y los Niños Proyectistas participaron activamente de las jornadas, juntamente con los niños delegados de las escuelas, con el objetivo de realizar el seguimiento y supervisión de la coherencia de los proyectos y en el futuro, el de las obras de las plazas.

Los niños delegados de las escuelas, juntamente con los consejeros serán convocados en distintos momentos de la obra para que participen activamente del proceso de construcción: en el replanteo de la obra, en la plantación de árboles y en la pintura de murales.

7. Dos Ejemplos

5

7.1. Plaza de las Sonrisas



⁶ Búsqueda de documentación y profundización de la información disponible topográfica, geográfica, hidráulica, catastral, relevamientos aerofotogramétricos, planialtimétricos, climáticos; trabajos de campo y aproximaciones sensibles a partir de fotografías, grabaciones, filmaciones, dibujos, mediciones, relevamientos de las configuraciones del hábitat, de los materiales, del espacio público y privado y sus interrelaciones; interpretaciones del sentido de la construcción de distintas manifestaciones filosóficas, históricas y artísticas (literatura, artes plásticas, música, cine), que permitan aproximaciones conceptuales inductivas al territorio, a la relación entre su cultura y la naturaleza y encuestas.

⁷ Palabras en movimiento, palabras entremezcladas y palabras en detenimiento.

a. Palabras en movimiento:

Un lugar en donde sacar a pasear la sonrisa, una plaza de sonrisas.

El movimiento se sumó a las palabras: el payaso giraba alrededor de la fuente, haciendo malabares con una rama, ésta hacía ruido de agua con tapitas de gaseosa. La orquesta sonaba con palos de árboles, cajas vacías de vino, ramas con hojas secas que se frotaban rápidamente despertando sonido a viento, y aparecía ella, la niña de las piedras, jugando con una, acomodándola en cuerpo y cayéndosele distraídamente al piso para luego levantarla con guiños colownescos.

Mientras la plaza de sonrisas se construía como necesidad interior, tres hojas grandes transparentes colgaban del techo, y los niños capturaban el movimiento de los cuerpos con aerosoles de colores.

b. Palabras entrelazadas:

Plaza que sueña y plaza que sueño yo.

Con una calesita, con caballos y autos.

Con color arco iris,

montañas, puentes, cisnes.

Y un tobogán circular

rojo y verde,

con sonido de viento

olor a flor y flores colgando.

Un tobogan que no lleva al piso,

lleva a un mundo lindo.

De chocolate y caramelo.

Donde vive un hombre,

con familia , amigos y duendes.

Ahí iría yo, y descubriría muchas cosas.

Sentiría el olor a dulce de leche

y a los colores,

porque los colores tambien tiene olor,

rojo, amarillo, azul marino.

La plaza que sueño es feliz.

Y tiene un juego nuevo que inventamos:

el juego de la pelota cuadrada,

hecha de confites, aire, merengue,

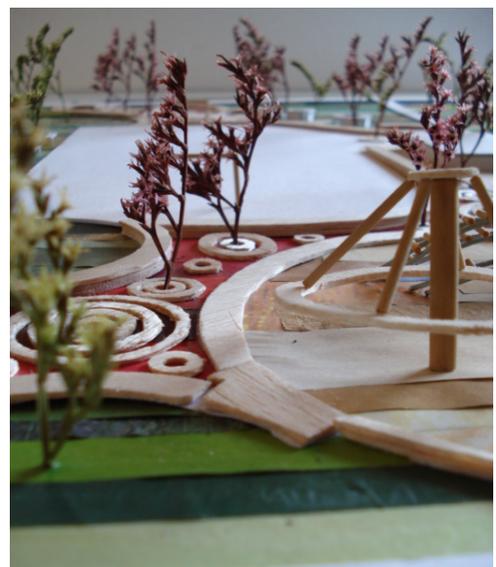
polvos mágicos y colores.

A ese juego jugamos todos.

Nadie gana ni pierde.

Porque jugamos.

6 7



*Jugamos para sacarnos de encima la angustia,
cuando estamos mal,
discutimos, nos asustamos,
cuando no nos alcanza la plata para comprar algo.*

*Pero entonces en la plaza
sabemos que lo material
no importa.*

Es material.

*Nosotros queremos reírnos todo el día
y cruzarnos con los pájaros y preguntarles*

¿Cómo se hace para volar?

¿Y para tener color mariposa?

¿Adónde van los pájaros?

¿Qué sonido tiene su vuelo?

*Mi plaza tiene color a bizcocho,
y tiene música, olores, sonidos.*

*Quiero una plaza para vivir,
para cuando sea grande contarle a mis hijos
lo que hicimos hoy por la plaza.*

Plaza que sueña, ríe.

Plaza que crece con nosotros.

Plaza libre.

c. Palabras en detenimiento:

Las manos se entrelazaron a las palabras y a los movimientos : mientras los sonidos de las palabras invadían el salón los niños, con los ojos cerrados dibujaron las formas de la mente, en frecuencias misteriosamente abiertas. Luego vinieron los movimientos de los cuerpos. Mientras los cuerpos de los payasos marcaban el modo de habitar la plaza, ahora, con los ojos bien abiertos, los aerosoles capturaron frecuencias cerradas y círculos de colores, sin saberlo estaban dando forma a los movimientos de los cuerpos en la plaza...

7.2. Plaza de las Hadas



a. Palabras en movimiento:

Las hadas invadieron el salón y atravesaron los cuerpos de los niños, que se movían al compás de los aromas, al olfato de los colores y al color de los sonidos...

Los colores, sonidos y aromas, traspasaron los cuerpos y se depositaron en los papeles en frecuencias de colores. Todo superpuesto en la plaza de las hadas...

Perfume a jazmín, a margaritas, a rosas. Perfume de frutilla, manzana, banana, menta dulce. Perfume a tiza, a caramelo, a durazno, a manzana, a hoja, a dulce de leche, banana, manzana.

Las Hadas se mezclan con dulce de leche, con frutas. Las Hadas tiran brillo para hacer magia, para que se cumplan:

... hablan los sonidos: un avión grande como el viento, sonido de pato, helicóptero, gato, sonido a serpiente, sonido del grillo imaginario, rama, hormiga, sonido a caballo, rama, 3 silencios, sonido de beso, click, cla, sonido a risa ...

Que se cumplan los sueños, color blanco, de todos los colores, gris.

La forma del color blanco es una rueda, una rueda humana, quedarse quieto, un gesto, un giro, un instante en el aire y un salto.

b. Palabras entrelazadas:

*En la plaza imaginaria hay hadas y duendes,
y también árboles que hablan.*

A mí se me cumplen los sueños. Porque los pido.

Mis sueños son blancos. Otros son grises, celestes.

O blancos con r.

O me quedo callado y ese es el sonido.

Y hasta el perfume del blanco me suena a flor,

Margarita, jazmín, Y algo más para mí.

Un sabor a fruta, a mate dulce.

Las hadas y los duendes también tiene olores,

a tiza y caramelo,

a durazno y menta,

Y de paso...caracol, o a hoja, verde limón.

Las hadas se mezclan con otros sabores

y viven haciendo travesuras.

Tiran brillos y otras cosas,

para hacer magia,

para cumplir deseos:

ser jugador, ser caballero,

jugar, tener novio, y volar

(pero no con alas chiquitas)

con alas grandes, de verdad,

como las hadas.

Liz, Lili, Margarita, Alejandra,

con varitas mágicas.

Como mi prima, que tiene una.

Y con ella encuentra un montón de cosas.

En la plaza, príncipes,

o a veces, sapos,

Sapos redondos que se convierten en príncipes.

Sólo hace falta una cosa:

agregarle tres silencios

y después, imaginarlo.

c. Palabras en detenimiento:

Los colores, sonidos y aromas, traspasaron los cuerpos y se depositaron en los papeles en frecuencias de colores. Todo superpuesto en la plaza de las hadas...



9 10

8. Bibliografía

BACHELARD, Gastón, *“La poética del espacio”*. Ed. Fondo de Cultura Económica de Argentina. Buenos Aires, 1990

CICUTTI, Bibiana. *“Sobre la construcción de redes simbólicas: la ciudad y el río” en mátericos periféricos. Revista de proyecto arquitectónico N° 6. pág. 22-25. Cátedra de Proyecto Arquitectónico Prof. Barrale. FAPyD – UNR. Rosario, 2001*

CORBOZ, André. *El territorio como Palimpsesto*. Coor. de Humanidades Universidad Nacional de México. México, 1983.

GALLI, Carlos Leo y docentes integrantes de la cátedra de Proyecto Arquitectónico. *“Arquitectura de la periferia. Nuevas estrategias proyectuales. Alcances y significados. En una perspectiva interdisciplinaria. El caso Rosario” en mátericos periféricos. Revista de proyecto arquitectónico N° 7, Arquitectura de la Periferia. pág. 13-22 Cátedra de Proyecto Arquitectónico Prof. Barrale. FAPyD – UNR. Rosario, 2002*

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Editorial Grijalbo, S.A. de C.V. México, 1989.

GONZALEZ, Chiqui. *“Una ciudad con ojos de niño. Políticas de la infancia. El paisaje de la Ciudadanía” en Experiencia Rosario. Políticas para la gobernabilidad. Recopilación de ponencias realizadas en el Proyecto Feria de Gobernabilidad Local para América Latina. Rosario, 2005.*

GONZALEZ, Chiqui. *Entrevista “Terciopelo con milanesa” en A&P N° 19. Huellas en las flores. Facultad de Arquitectura Planeamiento y Diseño - UNR. Rosario, 2006.*

JACKSON, Brinckerhoff John, *“Discovering the vernacular landscape” en New Haven y Londres, Yale University Press, 1984.*

LOBOS, Jorge, *“Necesidad de cambios en la enseñanza: El Rol del Arquitecto” en CA Ciudad y Arquitectura N° 134. 40 años. Publicación de la Federación Chilena de Arquitectos, Santiago de Chile, 2008.*

RODARI, GIANNI, *“Gramática de la Fantasía”*. Ediciones Colihue. Buenos Aires, 2004

SHOENDUBE, Brigitte Boehm, "El lago de Chapala: su ribera norte. Un ensayo sobre la lectura del paisaje cultural" en *Relaciones* 85, Vol. XXII, Colegio de Michoacán, Universidad de Guadalajara. Guadalajara, 2001.

TONUCCI, Francesco. "La ciudad de los niños. Un nuevo modo de pensar la ciudad". Editorial Losada. Buenos Aires, 1996.

TONUCCI, Francesco. "40 años con ojos de niño". Editorial Grao. Barcelona, 2008.

9. Listado de imágenes

1. Niño dibujando.
2. Plano de ubicación de las plazas
3. Maqueta Plaza del Mar
4. Maqueta Plaza de las Estrellas
5. Palabras en Detenimiento (Dibujo) Plaza de las Sonrisas
- 6 y 7. Maqueta Plazas de las Sonrisas
8. Palabras en Detenimiento (Dibujo) Plaza de las Hadas
- 9 y 10. Maqueta Plaza de las Hadas

10. Créditos institucionales

Autoridades año 2007:

Intendente: Ing. Miguel Lifschitz; Secretaria General: Lic. Mónica Bifarello; Directora Distrito Sudoeste: Arq. Viviana Foresi; Secretaria de Planeamiento: Arq. Mirta Levin; Secretaria de Cultura: Ma. De los Ángeles González; Secretario de Promoción Social: Ing. Miguel Pavicich; Secretario de Obras Públicas: Ing. José León Garibay; Secretaria de Servicios Públicos: Dra. Clara García

Escuelas involucradas:

1372 (Barrio Tío Rolo), Sta. Isabel de Hungría, Silvestre Begnis, Pedro Arias, Paul Harris, Ntra. Sra. del Valle, Gendarmería Nacional, J.M.Serrano, Ntra. Sra. de Itatí, Crucero Ara Gral. Belgrano.

Integrantes:

Proyecto y Coordinación General :

Ana Valderrama – Coord. Desarrollo Urbano Distrito Sudoeste

Leandra Bonafiglio – Coordinadora Gral. Ciudad de los Niños 2007

Carla Teppa – actual Coordinadora Gral. Ciudad de los Niños

Equipo jornadas Sueños de Plaza

Guillermo Martínez – Coord. General de Cultura Distrito Sudoeste; Natalia Fernández y Gabriela Giosa – Coord. Palabras entrelazadas; Gustavo Di Pinto y Griselda García – Coord. Palabras en movimiento; Eugenia Fiasco y Patricia Antonini – Coord. Consejo de Niños ; Alina Calzadilla - Coord. Niños Proyectistas; Consejo de Niños Distrito Sudoeste; Niños Proyectistas; Niños entre 6 y 11 años, alumnos de las escuelas citadas

Equipo de proyecto de arquitectura:

Federico Pérez, Georgina Piano, Florencia Sadone – Becarios Facultad de Arquitectura Planeamiento y Diseño

Paisajismo:

Patricia Virga

Supervisión:

Dirección Gral. de Ordenamiento Urbano – Secretaría de Planeamiento; Dirección Gral. de Diseño de la Vía Pública y el Equipamiento Comunitario – Secretaría de Planeamiento; Dirección Gral. de Arquitectura y Dirección Gral. de Hidráulica – Secretaría de Obras Públicas; Niños Proyectistas y Consejo de niños distrito Sudoeste – Secretaría de Promoción Social; Consejo Participativo Distrito Sudoeste 2007